

A PROEMINÊNCIA DO MAL NO BLOCO PRÉ-CARNAVALESCO DA BANDA MOLE

Autora: Maria Luísa Lucas

Instituição: Universidade Federal de Minas Gerais

Agência de Fomento da Pesquisa: PET - Programa de Educação Tutorial (SESu – MEC)

“O viscoso é um estado intermediário entre o sólido e o líquido.

É como um corte num processo de mudança.

É instável, mas não flui. É macio, dócil e comprimível.” (DOUGLAS, 1966: 52)

A Banda Mole é um bloco pré-carnavalesco que vai às ruas de Belo Horizonte todos os anos no sábado que antecede o carnaval. Fundado em 1977, leva como marca registrada a presença de homens vestidos com roupas de mulher. Pensando nesse evento que cresce e vira tradição belo-horizontina a cada ano, esse trabalho surgiu da inquietação sentida no fato de existir um grupo de homens que fogem à ordem, sendo naquele momento tacitamente aceitos em uma sociedade marcada por relevante rigidez moral. Para dar cabo a tal tarefa foram realizados dois trabalhos de campo e duas pautas fotográficas, nos anos de 2007 e 2008, além de pesquisa bibliográfica sobre o tema, calcada e direcionada, sobretudo, por registros orais oriundos das falas dos próprios foliões, colhidos nessas duas edições do evento. Importante observar que os sujeitos das fotos não necessitam de enquadrar-se em quaisquer tipologias sociológicas, posto que devem ser vistos, em si, como entidades: *“(...) não há sociologia para eles, pelo viés estético deixam de ser tipos para tornarem-se entidades.”* (OMAR, 1997: 12-13).

O Mal, podemos inferir, desvinculou-se exclusivamente das interpretações do demoníaco imagético e tomou para si, principalmente a partir da modernidade e da era do indivíduo, alegorias morais. Formular uma hipótese embrionária e, portanto, não definitiva sobre a proeminência desse Mal e do caráter permissivo que ele agrega no bloco pré-carnavalesco é meu objetivo nesse texto.

Ora, enxergar o Mal ou o demoníaco no comportamento pontual desses indivíduos pode parecer em um primeiro momento tarefa difícil ou vaga, mas torna-se labor instintivo quando substituímos propositalmente, no campo do simbólico, a palavra "demoníaco" pela palavra "impuro". Mary Douglas, em *Pureza e Perigo*, trabalha esses conceitos e parto dela para elaborar uma proposição. A sujeira relacionada com o respeito por convenções e descolada da patogenicidade física nos leva a crer que: se *"onde há sujeira há um sistema"* (DOUGLAS, 1966: 50) e, com o passar do tempo, os conjuntos de rótulos nesse são aumentados, assim, o homem que no advento da Banda Mole *está* feminino (e então não entro no mérito da discussão de gênero), vai contra as convenções que cercam seu cotidiano. Aqueles indivíduos que se relacionam (podemos usar aqui o conceito de radcliffebrowniano de relacionamento jocoso) no espaço da rua, marcadamente território da teatralização pública do privado na era do indivíduo, são um retrato do ambíguo, do viscoso.

Essa ambigüidade, quando confrontada, não raro mostrar-se muito incômoda. Porém, concluindo, é no contexto do carnaval que esse homem que *está* feminino encontra sua oportunidade, a brecha que seu desejo pedia para *ser* ao menos por um momento o diferente, para *viver* o ambíguo, posto que, nessa época festiva, os gradientes de permissividade social para o que não é moralmente aceito no restante do ano são potencialmente aumentados.

Referências Bibliográficas Diretas:

- DOUGLAS, Mary. *"Pureza e Perigo"*. Lisboa: Edições 70 (col. Perspectivas do Homem, nº 39). 1966
- MODESTO, Ana Lúcia. "O Mal absoluto na era do indivíduo: representações sociais do demoníaco na modernidade (primeira parte)". *Teoria & Sociedade*. 13.1: 48-83. 2005
- OMAR, Arthur. *"Antropologia da Face Gloriosa"*. São Paulo: Cosac & Naify Edições. 1997